

Para onde vais, Boris? Para leste do Suez

É natural que o Reino Unido pós-"Brexit" procure um novo papel internacional e esta estratégia é uma boa prova de autoconfiança. Mas isso não deve obrigar a antagonizar aquele que ainda é o seu maior parceiro.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 24 de Março de 2021

Há quatro anos que o Reino Unido se debatia internamente com [as peripécias do "Brexit"](#). Não havia espaço para mais nada. Muito menos para debates de política externa. Mas a verdade é que a ruidosa luta interna sobre as consequências do referendo e as negociações com a UE escondia outra luta silenciosa sobre o destino internacional do Reino Unido. Para uns, nostálgicos do passado, o abandono da Europa significava o regresso à grandeza do Império. Para outros, catastróficos do presente, significava o caminho para a irrelevância internacional. Não significará nem uma coisa nem outra. O tempo do Império acabou e não volta para trás. Mas o Reino Unido continuará a ser a quinta economia do mundo e não deixará de ser uma potência nuclear, nem perderá o direito de veto no Conselho de Segurança.

Sempre que se falava do assunto, Boris Johnson respondia com [a ideia vaga do Global Britain](#). Mas ninguém sabia o que isso era. E, provavelmente, ele próprio também não. Reuniu, então, uma equipa sob a direcção de John Bew, historiador da política externa e professor do King's College, que produziu um documento que, passados os trâmites institucionais, o primeiro-ministro apresentou, na semana passada, ao Parlamento. Chama-se [Global Britain in a competitive age](#) e apresenta-se como uma revisão integrada de segurança, defesa, desenvolvimento e política externa. Isto é, aquilo a que os teóricos chamam uma Grande Estratégia. Começa assim a antever-se o sentido do *Global Britain* e a orientação internacional do país. Dito de outro modo, para onde vai Boris Johnson [e para onde quer levar o Reino Unido](#).

Nos seus ciclos de planeamento estratégico, os países reactualizam periodicamente estes documentos. Umhas vezes não têm grande significado político nem consequência estratégica. Outras, sim, marcam viragens históricas. Em 1966, o livro branco da defesa britânica definia como prioridade o teatro euro-atlântico e o apoio à NATO. E é nesse contexto que, em 1968, o governo trabalhista de Harold Wilson publica um suplemento que determina a retirada total das forças militares a leste do Suez. O documento cunhou a expressão *a leste do Suez* e marcou uma viragem histórica: o fim do papel global do Reino Unido. Ora, depois do "Brexit", o governo conservador de Boris Johnson quer, precisamente, o contrário: o regresso para leste do Suez quer romper com a prioridade europeia e significar o retorno ao papel global do Reino Unido. Como? Vamos por partes.

O documento é todo ele atravessado pela tentativa de combinação entre realismo e ética, numa ideologia de internacionalismo que não se diria liberal, mas conservador. Face a um ambiente estratégico de ameaças híbridas entre paz e guerra, civil e militar,

estatal e não estatal, o caminho apontado é o de uma segurança sustentável. O que quer isso dizer? Primeiro, que a ciência e a tecnologia serão a prioridade das prioridades da estratégia britânica e que a inovação será o motor da política de defesa. E não se trata apenas do reforço extraordinário do nuclear ou da ciberdefesa. Trata-se de fazer do espaço a nova fronteira do interesse nacional. Depois, há a grande viragem geopolítica: do euro-atlântico para o indo-pacífico. A viragem para o Pacífico quer traduzir-se no maior envolvimento de um país europeu na região: no comércio, na acção climática, nos valores da democracia, mas não tanto na questão da segurança. No reforço das relações com a Índia, a Austrália ou a Coreia do Sul e no pedido do estatuto de parceiro no ASEAN.

Nas relações bilaterais com a Europa merecem destaque a França, a Alemanha e a Irlanda. Portugal é mencionado uma vez. Mas a UE é como se não existisse

Vêm depois as ameaças e os desafios. A Rússia é pura e simplesmente a grande ameaça: um rival estratégico e um Estado hostil. A China é mais complexa: é um desafio sistémico que exige oposição firme nos valores e cooperação nas questões globais. Mas o objectivo é claro: nunca ficar sem escolha em relação às cadeias de valor chinesas. E em questões chave como [a Huawei](#) ou [o TikTok](#) não há hesitações: a aliança é com as democracias e o grande aliado americano. Resta a Europa, tratada como uma mera questão de segurança e sempre no quadro da NATO. Nas relações bilaterais merecem destaque a França, a Alemanha e a Irlanda. Portugal é mencionado uma vez. Mas a UE é como se não existisse.

É natural que o Reino Unido pós-"Brexit" procure um novo papel internacional e esta estratégia é uma boa prova de autoconfiança. Mas isso não deve obrigar a antagonizar aquele que ainda é o seu maior parceiro. Portugal, que anda sempre com a velha aliança na ponta da língua, talvez possa ter um papel nessa aproximação.

<https://www.publico.pt/2021/03/24/opiniao/opiniao/onde-va-is-boris-leste-suez-1955577>